DOM14ABR
Domingo, 14 de Abril de 2019

Jornal de Angola

Fim-de-Semana

EDIÇÕES NOVEMBRO

HEIDI GOES, LINGUISTA

De coração “perdido” por Cabinda

“Este homem deu-me muita alegria. Compôs músicas em minha homenagem. Cantou e encantou o meu coração”, afirma a pesquisadora belga Heidi Goes, completamente rendida ao amor que encontrou em Cabinda, onde concluiu um importantíssimo estudo sobre a dinâmica e a estrutura das variantes da língua Ibinda

Horóscopo

Carneiro *de 21/03 a 20/04*
Tente ouvir mais os seus sonhos e o seu coração e também a sua intuição. A notícia esperada a nível profissional, embora atrasada, chega. Em consequência dessa vitória financeira, o clima familiar melhora e há predominância de interesses materiais, num sentido feliz.

Touro de *21/04 a 20/05*
Lutar pelos seus interesses com a ajuda da(o) parceira(o) só pode resultar num final proveitoso. Para além disso, existe a possibilidade de ser ajudada(o) por um(a) amiga(o), ajudando a obter o êxito.

Gémeos *de 21/05 a 20/06*
Olhe atentamente para tudo que está acontecendo na sua vida e coloque mais energia naquilo que já está a dar certo, ou que pelo menos tem tudo para acontecer. É um bom momento para cortar o que não faz mais sentido e não te faz bem nesse momento.

Caranguejo
de 21/06 a 21/07
Relevância para o plano sentimental, já que também uma nova paixão surge quando menos espera. A ajuda de alguém é uma oportunidade que não deve desperdiçar. Um êxito financeiro está para surgir.

Leão
de 22/07 a 22/08
Está a dar espaço para que gente boa possa fazer parte da sua vida? Não desanime diante de alguns nãos que a vida pode te dar agora. aproveite para abrir novas frentes e possibilidades.

Virgem
de 23/08 a 22/09
Uma vitória plano financeiro e nos negócios pode surgir esta semana. Mas cuidado com os interesses que estão a gerar-se à sua volta. Pode ter de tomar uma decisão complicada que interfere com a sua própria vida sentimental.

Balança
de 23/09 a 22/10
Tente perceber o quanto as relações têm tido uma troca justa e equilibrada, o quanto você e a outra pessoa estão mesmo comprometidos e o quanto cada pessoa faz ou não faz bem para si. São dias produtivos e mais tranquilos no trabalho.

Escorpião
de 23/10 a 21/11
Dificuldades financeiras obrigam a ir à luta. Vida amorosa pode estar a sofrer uma transformação negativa, em consequência de um desentendimento. Apesar de tudo, vai receber boa colaboração de alguém.

Sagitário
de 22/11 a 21/12
É aquela velha história de primeiro o dever e depois o prazer. São dias agradáveis no ambiente familiar e óptimos para você cuidar e organizar as coisas da casa.

Capricórnio
de 22/12 a 20/01
O período que se segue é caracterizado por uma decisão que marca uma realização importante relacionada com uma viagem de negócios ao estrangeiro. Poder e legitimidade estão nas suas mãos – alguém espera por si.

Aquário
21/01 a 19/02
Escute primeiro, fale depois. São bons dias para investir energia em cuidar de você e organizar melhor a sua vida e rotina. Tente pegar mais leve com você e com os outros. Pode rolar um novo amor. Vida social mais intensa.

Peixes *de 20/02 a 20/03*
O facto de existir felicidade no lar não significa que não tenha que tomar decisões de grande significado. Valores financeiros a chegar, reforçam a felicidade existente, principalmente para quem se divorciou há pouco.

Jornal de Angola
Fim-de-Semana

Editor-Chefe: António Cruz
Editor: Isaquiel Cori
Subeditores: Edna Cauxeiro e Ferraz Neto
Edição de Arte: Salvador Escórcio, Raúl Geremias, Henrique Faztudo e A.Quipuna
Textos: Analtino Santos, Mário Cohen, Guimarães Silva.
Fotos: JAimagens e Globo

País

DR

Marginal do Dondo

Local aprazível e de paragem obrigatória para quem viaja e pretende alcançar o Centro e o Sul do país. Não importa a hora nem o período: manhã, tarde ou noite. O Rio Cuanza está a escassos metros. Os munícipes, cada um a seu jeito, organizam no local várias actividades, sobretudo comerciais, com barracas de comes e bebes. Situada a 183 quilómetros de Luanda, Dondo é a segunda cidade próxima da capital do país, depois de Caxito, na província do Bengo, tendo uma população estimada em 71 mil 715 habitantes, maioritariamente oriunda dos municípios fronteiriços do Libolo (Cuanza-Sul) e Quiçama (Luanda), cujo dialecto predominante é o Kimbundu.

Fazem anos esta semana

António Cristóvão

Jornalista ligado à secção desportiva do *Jornal de Angola*, António Cristóvão nasceu no dia 14 de Abril. Dono de uma pena jornalística de invejar. Toni, como é carinhosamente chamado pelos mais próximos, destaca-se pelas coberturas jornalísticas das mais diferentes modalidades. Humilde e amigo dos seus amigos, António Cristóvão é oriundo de um dos mais antigos bairros de Luanda: Marçal.

Henrique Alfredo

Oficial superior das Forças Armadas Angolanas (FAA) ligado a área dos Recursos Humanos, Henrique Alfredo é natural da província da Huíla. Nasceu no dia 15 de Abril. Do signo Carneiro, Kito, como é chamado pelos mais próximos, é um homem humilde e profundamente ligado à ciência. Depois da licenciatura em Sociologia pela Universidade Jean Piaget de Angola – Viana, dedica-se actualmente à formação em Direito pela Universidade Católica de Angola.

Leonel Kassana

Leonel Eduardo Kassana, conhecido pelas iniciais LK, é uma das referências do jornalismo angolano. Iniciou a sua caminhada jornalística na cidade do Lubango, província da Huíla. Tem as suas impressões digitais na direcção da Edições Novembro na província do Cunene. Actualmente dedica-se à cobertura das actividades económicas do *Jornal de Angola*. Nasceu no dia 16 de Abril.

David Mário

Nascido no dia 16 de Abril, David Mário é uma referência da Agência Angola Press (Angop). Jornalista emprestado à diplomacia, é adido de imprensa na representação diplomática de Angola na Guiné-Bissau. Dono de um carácter pessoal e profissional de desejar, David Mário foi durante anos um dos principais rostos da Angop.

Saiba

Carlos Lamartine

Carlos Lamartine começou a sua carreira musical em 1956, com o grupo "Kissueias do Ritmo", conjunto musical formado por Nando Kajibota (caixa), irmão do Antoninho "Parte os Cornos", do "Kituxe e seus acompanhantes", Barceló de Carvalho (vocal e harmónica), David André (Tizinho, vocal), João Gonçalves (bailarino), e Inácio (dikanza e chocalho). O timbre do grupo ficou marcado pela sonoridade da harmónica de Bonga que imitava a forma como Cabolombo, um instrumentista pouco referenciado pela crítica musical angolana, tocava e investia neste instrumento. Carlos Lamartine iniciou os estudos primários na Escola da Missão de São Paulo, em 1953, passou pela Escola da Liga Nacional Africana, e ingressou no Liceu Nacional Salvador Correia, em 1956. Passou ainda pelo Colégio da Casa das Beiras (1962-1963), tendo concluído, com êxito, a secção de letras do curso geral dos liceus. Filho de Sebastião José da Costa, jornalista, dançarino da rebita, e um dos fundadores da Liga Nacional Africana, e de Ludovina da Silva, José Carlos Lamartine Salvador dos Santos Costa, nasceu em Benguela, no dia 29 de Março de 1943. O irmão, Teófilo José da Costa, foi uma das figuras emblemáticas do Carnaval de Luanda, e um dos fundadores do grupo Cidrália. Tanto o pai como o irmão, estimularam a propensão intuitiva de Carlos Lamartine para a música. De 1958 a 1959, o grupo "Kissueias do Ritmo", eivado de uma nítida consciência nacional e reagindo contra a crescente onda de repressão colonial, particularmente no Bairro Marçal, popularizou o tema "Em Luanda não há sambas", uma canção da autoria de Carlos Lamartine, inspirada na rítmica do samba brasileiro.
Com a partida de Barceló de Carvalho (Bonga) para Lisboa, onde foi campeão de atletismo, extingue-se o grupo "Kassueias do ritmo" e Carlos Lamartine integra e ajuda a formar os "Muloges do ritmo", grupo musical que teve vida efémera. Carlos Lamartine fez parte ainda, de 1962 a 1964, como tamborista e vocalista, do conjunto musical os "Makoko ritmo", e enveredou depois por uma carreira a solo, fazendo-se acompanhar pelos melhores conjuntos angolanos da época, de 1965 a 1970, incluindo o conjunto os "Kiezos", grupo onde veio a substituir, temporariamente, o cantor Vate Costa, seu irmão, depois da sua prisão, na sequência de uma acusação no processo do caso "Milhorró", uma canção que a ditadura colonial considerou ousada e subversiva. Em 1970, Carlos Lamartine foi a voz principal do conjunto "Águias-Reais", com Manuelito (viola baixo), Gregório Mulato (percussão, nos bongós), Gino (Guitarrista solo), somando uma série de êxitos, num dos mais importantes grupos musicais luandenses, que existiu até aos finais dos anos setenta. Na sua carreira a solo, Carlos Lamartine passou a ser acompanhado e gravou, de 1973 a 1977, com o conjunto os "Merengues", e participou em diversas tournées nacionais e internacionais.

OITO ANOS DEPOIS

Huíla reactiva prémio de jornalismo

Cerca de oito anos depois da última edição, o governador da Huíla, Luís Nunes, anunciou a reactivação do Prémio Provincial de Jornalismo, para satisfação geral dos profissionais da classe. A premiação deste ano acontece já no próximo mês de Agosto, por altura das Festas de Nossa Senhora do Monte

Arão Martins | Lubango

Luís Nunes, que falava num encontro, seguido de um almoço de confraternização, com os directores e jornalistas dos órgãos públicos e privados locais, garantiu o suporte financeiro do Governo da província e deu a conhecer que o vencedor vai encaixar um montante de cinco milhões de kwanzas.

"Vamos premiar o jornalista que melhor se destacar durante o ano nas suas funções e desde que esteja na província da Huíla. Vamos pôr a máquina a funcionar", disse o governador, exortando aos responsáveis dos órgãos de comunicação social e do Gabinete de Comunicação Institucional e Imprensa a proporem, de modo coordenado, a criação do corpo de júri. É um prémio, segundo Luís Nunes, que "não vai virar a vida das pessoas, mas ajudar a minimizar as condições sociais do vencedor".

Referiu que a comunicação social representa para o governo da Huíla um "aliado imprescindível" na resolução dos problemas que afligem as populações, tendo em conta que "são os jornalistas que tornam públicas as nossas acções, influenciando assim na formação da consciência social, quer pela positiva como pela negativa".

Luís Nunes disse contar com o apoio dos jornalistas para a educação das comunidades, de modo a que elas participem na preservação, protecção e conservação do património público.

Situação social complicada

A situação dos jornalistas na Huíla é degradante, sendo que a maior parte dos profissionais não tem casa própria, lamentou na ocasião o jornalista e delegado da Angop Morais Silva, que apresentou uma mensagem em nome dos profissionais locais.

Outra preocupação manifestada pelos jornalistas, na voz de Morais Silva, prende-se com a falta de meios de transporte. "Os órgãos públicos e privados estão 'despidos' de meios de transporte. Os últimos recebidos datam das Eleições Gerais de 2008 e, na sua maioria, estão inoperantes. Em muitos casos, somos forçados a andar de boleia e às vezes de táxi, o que não dignifica a classe, para além de, em certos casos, sermos forçados a não cobrir determinadas actividades de interesse público", disse.

Ao leque de preocupações que afectam a classe dos jornalistas, o seu porta-voz de ocasião acrescentou os equipamentos obsoletos de emissão e de estúdio, bem como os de captação de som e imagem. A necessidade de ampliação e reabilitação das instalações locais da Edições Novembro e da Angop, bem como da Rádio Huíla, foi igualmente levantada perante o governador. Sobre o Centro Emissor do Cristo Rei, Morais Silva disse que "onde estão acomodados os emissores há infiltrações de água, paredes envelhecidas e a zona está sem pára-raios, pelo que qualquer descarga eléctrica destrói os equipamentos", sendo este o motivo pelo qual "sempre que chove os emissores, por precaução, são desligados".

Difícil acesso às fontes

A província da Huíla continua a registar problemas de acesso às fontes de informação, sobretudo às ligadas ao governo provincial. Morais Silva informou que há directores provinciais e administradores municipais que "ainda fogem do jornalista como o diabo da cruz".

Disse que alguns responsáveis pensam que é necessária uma autorização do Gabinete de Comunicação Institucional e Imprensa para falar aos jornalistas. Estes reconhecem haver uma relação de cordialidade com o actual responsável do órgão, mas entendem que alguma coisa deve ser melhorada, "observando sempre os limites das competências de cada um, sabendo que todas as matérias noticiosas são da responsabilidade exclusiva de cada órgão, não havendo uma relação de verticalidade".

Casas na Quilemba

O governador provincial garantiu estarem disponíveis, numa primeira fase, 100 casas de várias tipologias, para serem distribuídas aos órgãos de comunicação social públicos e privados, que deverão contemplar os profissionais que mais precisam.

Por outro lado, Luís Nunes garantiu que o governo provincial compromete-se a reabilitar as infra-estruturas da Edições Novembro e Angop.

"O problema das instalações da Angop e da Edições Novembro vamos resolver", garantiu, salientando que no caso da Edições Novembro vai ser feito um trabalho de profundidade, dada a antiguidade das instalações. "O edifício da Edições Novembro não tem recuperação. Temos que resolver esse problema, por ser um edifício de construção superior a 100 anos", informou.

Sobre o acesso às fontes, o governador frisou ser lógica a existência de informações que, pela sua especificidade, careçam de uma autorização para serem prestadas à imprensa. "Mas outros assuntos do dia-a-dia os responsáveis e outros quadros podem e muito bem esclarecer. Vamos reunir com os directores para a abertura das fontes, apesar de estarmos numa fase em que se deve falar pouco e realizar mais", prometeu.

| EDIÇÕES NOVEMBRO

| EDIÇÕES NOVEMBRO

| EDIÇÕES NOVEMBRO

HEIDI GOES ESTÁ LITERALMENTE APAIXONADA

Pesquisadora belga "perde coração em Cabinda"

A pesquisadora de nacionalidade belga, Heidi Goes, que escalou o país em 2015 para realizar pesquisas em línguas nacionais, tendo como foco as variantes faladas na província de Cabinda, levou o conhecimento para o seu país, no entanto o seu coração ficou em Cabinda, onde se apaixonou perdidamente por um cabindense. "Durante a minha estada em Cabinda este homem me deu muita alegria. Compôs músicas em minha homenagem. Cantou e encantou o meu coração" afirma ela. "Posso lhe garantir que gostaria muito de viver em Cabinda e já estamos a fazer planos para isso". Heidi Goes é estudante de Línguas e Culturas Africanas na Universidade UGent, da Bélgica, com especialização em Kikongo. Saiba mais sobre a importante pesquisa que ela levou a cabo e que terminou em romance

André Sibi

DR

É a primeira vez que visita Angola?
Não. É a terceira vez que venho a Angola.

Que ideia tinha de Angola, depois de criar as condições para realizar aqui as suas pesquisas em línguas nacionais, com destaque para o Kikongo e o Fiote?
Não sabia muito sobre Angola. Mas a partir da Internet e do Ministério das Relações Exteriores da Bélgica fui alertada sobre o perigo de ser roubada e até mesmo de me acontecer o pior, sobretudo em Luanda e Cabinda. As pessoas que conversavam comigo sobre a viagem diziam que tanto em Luanda como em Cabinda tinha de viajar apenas de viatura fechada e estava proibida de andar sozinha, sobretudo no período nocturno. E que seria melhor não ir a Cabinda e não sair sequer da capital angolana. Que não deveria chegar ao Norte de Cabinda (Miconje e Alto Sundi). No entanto, esta é a terceira vez que cheguei lá. Com a minha experiência de outros países africanos, com destaque para a Tanzânia, Togo, Benin, Mauritânia, Senegal, Gâmbia, Marrocos, e mais recentemente também da Asia (Timor Leste), onde se dizia ser igualmente perigoso o período nocturno, fiz as pesquisas sem nenhum problema.

A Angola que encontrou está próxima ou distante da realidade que esperava?
Não esperava encontrar perigo. Mesmo caminhando sozinha pelas ruas de Luanda e Cabinda (mas não muito tarde da noite), felizmente, nunca me deparei com perigos. Também, este ano, pela primeira vez, saí de Cabinda até Miconje. Foi bom ter companhia e informar sempre as autoridades governamentais. Em nenhum momento me senti em perigo.

Que avaliação faz dos angolanos, olhando para as visitas que fez aos centros urbanos e rurais do país?
Quando se trata da avaliação de um povo não é correcto generalizar. Quanto às pessoas que interagiram comigo, tive a boa sorte de encontrar muitos angolanos que me ajudaram e fiquei com alguns deles por algum tempo, principalmente em Cabinda, assim como no Uíge, durante a primeira viagem. Na primeira visita a Cabinda não conheci quase ninguém, fiquei numa hospedaria e não me sentia tão bem, razão pela qual procurei pelas irmãs da Congregação de São José do Cluny, da Igreja Católica, na Vila de Lândana e em Cabinda.
Na primeira vez encontrei apenas uma pessoa em Luanda que não mereceu a minha confiança. Nesta terceira vez encontrei um taxista, que me quis extorquir dinheiro no percurso entre o aeroporto de Luanda e a minha hospedaria. Tenho a certeza que o preço que ele cobrou estava muito desajustado. A distância percorrida não justificava o valor que cobrou e que foi muito alto. Acredito que foi desonesto comigo. Mas é importante recordar que isso não acontece apenas em Angola, mas um pouco por todo o mundo.

Que pesquisas está a fazer em Angola?
Estou a fazer uma pesquisa em linguística. O foco é conhecer as variantes do grupo das línguas Kikongo faladas do Sul do Gabão até ao Norte de Angola (Cabinda, Uíge, Zaire), mas principalmente sobre as variantes Kikongo faladas em Cabinda.

É a primeira estudante da Universidade UGent que se interessa em olhar para as línguas africanas, com realce para o Kikongo, mais concretamente a variante Fiote?
Não. Tenho colegas com trabalhos publicados sobre as línguas Kikongo, mas eles fizeram as pesquisas no Congo Democrático. Em Angola sou a primeira. Um colega já defendeu a sua tese sobre os verbos em Kikongo, um outro colega fez pesquisas mas ainda não defendeu. O meu professor também está a fazer pesquisas sobre as línguas Kikongo, mas a distância.

Depois de três presenças em Cabinda, onde fez a pesquisa, que avaliação faz da variante do Kikongo falada em Cabinda, o "Fiote"?
Posso lhe dizer que até a presente data a língua falada pelos Cabinda continua a ser designada "Fiote", o que é aceite por uns e rejeitado por outros. Esta designação foi utilizada durante o período colonial pelos europeus para designar a línguas faladas pelos "pretos" (bafiote). As variantes faladas em Cabinda são, nomeadamente, o Iwoyo, Ikoci, Ikwakongo, Civili, Cilinji, Kiyombe e Kisundi. Nos anos '60 ou '70 surgiu uma corrente de cabindas que defende a introdução de uma designação diferente. Ou seja, ao invés de Fiote passa a ser "Ibinda", com a mesma finalidade de congregar as sete variantes faladas em Cabinda, de modo a retirar o termo pejorativo introduzido durante o período colonial, e que também é utilizado pelos nacionalistas que querem acentuar a unidade de Cabinda. Importa sublinhar que esta intenção não tem uma base linguística justificável, para sustentar a pretensão. Apresento esta posição pelo facto desta língua ser falada em partes do Congo Brazzaville e da RDC. Não fazendo parte, estas regiões, de Cabinda, seria estranho que fizessem parte deste "Ibinda" (por exemplo, Civili e Kisundi no Congo Brazzaville, Kiyombe, Ikwakongo, (C)iwoyo e Kisundi no Baixo Congo, RDC).

Qual é o objectivo do seu estudo?
O objectivo do estudo é ter uma descrição documentada da situação linguística em Cabinda, bem como das suas variantes, nomeadamente, Iwoyo, Ikoci, Ikwakongo, Civili, Cilinji, Kiyombe e Kisundi. Queremos, igualmente, responder à questão relacionada com o verdadeiro número de variantes que existem realmente em Cabinda. Procurar saber se é possível falar numa subclassificação destas. Por outro, saber se estas variantes são distintas das variantes com o mesmo nome, faladas nos países vizinhos. Procurar saber se é possível padronizar todas essas variantes em apenas uma língua para a província, por exemplo. Queremos igualmente olhar para as fontes históricas existentes em Cabinda, sobretudo dos séculos XVIII, XIX e XX, para verificar até que ponto, no passado, a variedade linguística actual já existia. Queremos igualmente aproveitar uma parte deste estudo para fazer uma comparação com o Kikongo falado nas províncias do Uíge e Zaire, bem como no Gabão, República Democrática do Congo e República do Congo.

Há condições para se manter a originalidade de cada variante falada actualmente em Cabinda?
As possibilidades são muito reduzidas. São poucas as pessoas que ainda falam com toda a originalidade uma determinada variante. Durante a pesquisa foi possível verificar que sempre que se criasse grupos de discussão para avaliar a fluência da língua notava-se uma clara influência dum dialecto no outro. A única fórmula para se manter a originalidade de cada variante, ou dialecto se quisermos, é a escrita. Se o país investir na pesquisa e documentação de cada variante será possível manter a originalidade, caso contrário fica um pouquinho difícil manter a originalidade necessária. Será necessário escrever e ensinar cada variante. Há muita dificuldade em encontrar falantes que se expressam com propriedade na própria variante. As guerras civis, que o país viveu nos últimos anos, influenciaram muito na perda da originalidade das variantes, pois as pessoas fugiam de um lado para o outro durante muito anos e durante esse período foram aprendendo outras línguas e até mesmo variantes diferentes da sua. Os casamentos de uma tribo para outra também podem ser apontados como causas, mas em menor escala. As guerras são a causa do maior êxodo populacional. Muitas aldeias ficaram despovoadas e os seus antigos habitantes encontraram segurança em outras aldeias e países com uma maneira de falar (ligeiramente) diferente. E as crianças que nasceram nessas condições, assim como as crianças que acompanharam os pais, foram perdendo traços da identidade original.
O outro factor, não menos importante, que pode ser apontado foi a mão-de-obra forçada na era colonial, refiro-me sobretudo ao trabalho de abertura de picadas. Aliado ao pagamento forçado de impostos durante a época colonial, este fenómeno causou a fuga de muitos habitantes para os dois Congos. Com o fim dessas situações há manobras para se recuperar e manter a originalidade em cada área.
No entanto, será necessário algum trabalho de casa. Entre os factores, embora de pouca expressão, mas que devem ser tidos em conta, está o número de jovens que deixa a terra natal para concluir a formação média ou superior noutras regiões e países. Têm muita influência das telenovelas e meios de comunicação social, onde quase tudo é emitido em Português. Existem alguns programas de rádio e televisão em línguas

locais, mas não são suficientes para assegurar a originalidade. Nos grandes centros urbanos existem muitas crianças, incluindo adultos, que têm vergonha de se expressar na língua materna.
Durante as pesquisas foi possível constatar que em determinadas aldeias no interior de Cabinda, ao solicitar crianças para cantar qualquer música na língua materna, diziam claramente que cantar na língua materna era uma autêntica vergonha. No entanto, não falam o português fluentemente. O Português ocupa maior espaço na educação e no lazer. Já na língua materna as cifras são muito reduzidas. Nos principais centros de concentração de adultos tende-se a manter a originalidade da língua, no entanto vão entrando algumas expressões do Português. Exemplo: ao invés de dizer "mbanza"ou"di/libweti", ao longo da conversa a tendência é dizer mesmo "cidade".

Será que o fiote vai desaparecer, à semelhança do latim?
Não posso assegurar. Podemos falar numa possível substituição do termo "fiote" enquanto forma para designar a língua falada em Cabinda. Mas o desaparecimento da língua enquanto expressão oral, digamos que é muito difícil, dadas as raízes criadas. Apesar da tendência de se expressarem em português, os níveis de penetração do português são muito baixos para apagar o "fiote" na totalidade. Repare que mesmo os professores que têm a língua portuguesa como ferramenta de trabalho, em alguns casos não dominam o português como deveriam. Por outro, ao longo das aulas misturam o dialecto e o português para ajudar a esclarecer determinados fenómenos e em alguns casos eles mesmos não dominam o vocabulário em português e recorrem ao dialecto. Em alguns casos não procuram melhorar o vocabulário, a dicção e a oralidade. A outra franja importante na manutenção das línguas locais são os catequistas das diferentes denominações religiosas. Eles na sua grande maioria fazem a pregação do Evangelho em líguas locais, dado o baixo nível de escolaridade em algumas situações. Estas e outras franjas, que recorrem ao português na escola e no serviço, constituem o garante para perpetuar a língua falada em Cabinda. Verificamos igualmente que nas aldeias, em alguns casos, recorrem ao português apenas para se comunicar com os militares, em alguns casos provenientes de outras províncias. O Ministério da Cultura pode contribuir em grande medida na manutenção das línguas se apostar, por exemplo, em prémios para a melhor música, poemas, contos, publicações e ainda livros em dialecto. Esta iniciativa poderia se estender até as escolas, por exemplo.

Qual é o dialecto com maior influência em Cabinda, olhando para as sete variantes faladas nesta província?
Uma pergunta interessante. Sinceramente falando, a pesquisa não prestou atenção a este elemento, pelo que fica entre as preocupações para os próximos levantamentos. No entanto, de forma aleatória podemos dizer que a influência do Kiyombe no "Kisundi", por exemplo, é muito relevante (em Belize já usam avava, e não ahaha, kivumu, e não moyo) mas no outro lado, o "Kiyombe" também recebeu muita influência de outras línguas, provavelmente do "Cilinji", por exemplo, e também de uma ou demais línguas da RDC. Na comuna do Necuto alguns "Bayombe" usam o prefixo "ci" ao invés de "ki", sua verdadeira identidade. E algumas vezes o "li" ao invés de "di". Por outro lado, os "Balinji" que vivem próximo dos "Bakoci" já não usam "ci" mas "i" como prefixo. Penso que isto não mostra a força destas línguas, mas sim das novidades linguísticas que vão sendo introduzidas. Do ponto de vista histórico, primeiro temos o "di" e só depois o "li", que constitui uma novidade do ponto de vista línguistico. No mesmo senso, historicamente temos primeiro o "ki", depois o "ci" e depois o "i". Então, seria muito estranho se a influência em Cabinda fosse de "ci" a "ki" ou de "i" a "ci". É muito mais lógico que vá de "ki" a "ci" e de "ci" a "i", assim como de "di" a "li". No entanto, nem todas as influências estão desta forma. Quando falamos do vocabulário, vimos que o "Kiyombe" tem uma grande influência na linguagem dos falantes do Kisundi, que vivem próximo dos "Bayombe". Por exemplo, o uso do "kiika" ao invés de "mbuuka" (cama). O outro exemplo, "kivumu" ao invés de "moyo". Mas os falantes do "Kisundi" que vivem próximo do Congo Democrático e do Congo Brazzaville têm influência das outras línguas dos respectivos países.
Além do vocabulário, há o uso do "v" do Kiyombe ao invés da letra "h" em Kisundi. Por exemplo, a palavra "vana", em português "dar". Em Kisundi substitui-se a letra "v" vana pela letra "h" e passa a ser "hana". Na palavra matar "voonda" em Kisundi a letra "v" é substituida pela letra "h" e passa ser (hoonda).
E linguisticamente falando, isto não é uma mudança diacrónica, o "v" pela letra "h". Na verdade, ambas são mudanças do "Proto-Bantu". Razão pela qual se pode dizer que o uso do "v" no "Kisundi" carrega uma clara influência do "Kiyombe", talvez pelo facto dos Bayombe predominarem no circuito, em termos de número.
Mas dentro das variantes do Sul de Cabinda, nomeadamente "Ikoci", "Ikwakongo" e "Iwoyo", ainda não vejo muitas diferenças, então também não foi possível verificar influências de uma variante noutra.

Na sua opinião, é possível forjar uma variante para todos os Cabindas?
Pode ser uma hipótese para as novas gerações, mas ainda não é uma evidência. Talvez num futuro próximo. Mesmo o português tinha dialectos e foi unificado. Mas vai durar muito tempo para se atingir esta meta. Isto depende em grande medida da decisão dos políticos, assim como das escolas, bem como das pessoas singulares que participam no desenho do plano curricular para estas circunscrições.

Passou um pouco por todas as aldeias da província de Cabinda. Que avaliação faz do índice de desenvolvimento humano em Cabinda?
Quanto ao acesso aos serviços básicos, sobretudo a energia, água potável, educação e saúde, posso dizer que em determinadas aldeias onde fiz as pesquisas, aquelas que ficam longe das estradas principais, em alguns casos muito isoladas mesmo, encontrei painéis solares, o que constitui um passo importante. No entanto, deveria ser o contrário, uma ínfima parte é que deveria faltar e não tal como se verifica. Nas sedes comunais encontrei corrente eléctrica mas o acesso ainda é diminuto. Em alguns casos a rede não funciona, por exemplo em Massabi e Kikhumba Congo, onde a falta de combustível provocou um défice no fornecimento normal da luz da rede. Também no município do Miconje não tinha corrente.
Quanto à água potável verifiquei que as populações, na sua grande maioria, buscam água dos rios e cacimbas para o consumo. Não prestei tanta atenção pelo facto de não ser o foco da minha pesquisa. Mesmo em algumas sedes municipais, a realidade era a mesma: é o caso do município do Belize, por exemplo, onde durante alguns dias nos deparamos com falta de água para banhar, por motivos de avaria técnica ocasional, o que nos obrigou a recorrer ao rio para banhar.
Em relação aos postos de saúde não vi tantos. Depois de fazer pesquisas nas aldeias do município do Buco-Zau não consegui dormir devido às "picadas" dos miruins (vespas à semelhança do mosquito, mas são mais pequenos) que recebi nas aldeias. No hospital para onde me dirigi para pedir conselhos não paguei a consulta (mas comprei os medicamentos receitados).
Encontrei escolas em algumas aldeias, às vezes escolas novas. Não posso avançar dados em relação à qualidade de ensino, pois não fiz qualquer observação profunda.

O que deve ser feito para preservação das línguas, contos e outros instrumentos culturais do povo Cabinda?
Como já dizia, seria um boa ideia ensinar as línguas (ou seja, uma(s) língua(s) padronizada(s)). Isso ajudaria a conservar os contos, canções, etc. Será necessário aumentar o valor que os jovens dão as estas línguas. Poderia-se também dar apoio às pessoas que vão escrever os contos, canções e outros instrumentos culturais. Um outro aspecto tem a ver com a valorização dos fazedores da cultura, que não têm espaços específicos para exibição, e, muitas vezes, quando são chamados para cantar em actividades governamentais não recebem dinheiro, (desabafaram) e quando recebem são somas insignificantes para viver deste oficio. O que não ajuda para activar e atrair os jovens a seguir tais estilos. Daí o elevado índice de desaparecimento de muitas coisas de interesse cultural.

Qual é o custo mínimo para se fazer uma investigação da dimensão da sua?
Os custos podem ser divididos em duas grandes partes. A primeira está relacionada com o custo do visto de entrada para o país onde se vai fazer a investigação. Para Angola rondou o equivalente a 600 euros, incluindo todas as despesas para obtenção do visto. Seguem-se as passagens de ida e volta. O dormitório, transporte, alimentação, deslocação nas aldeias e os guias, rondam os 4000 mil por cada visita. Mas além disso, para fazer as preparações, as análises e agora para escrever a tese, o custo foi o do meu salário durante quatro anos.

O que a marcou em Angola e de modo particular em Cabinda?
A primeira vez (no final de 2015), notei especialmente muito, muito lixo nas ruas em Luanda e em Cabinda. Em Cabinda havia até mesmo colinas de lixo na cidade. Mas o que me marcou desta vez é uma grande melhoria nesta área. Em Cabinda ainda há lixo nos rios dentro da cidade e na praia, mas já não existem as colinas de lixo nas ruas. E em Luanda vi um lugar, onde antes tinha muito lixo e que agora é um lugar sem lixo e com algumas árvores. Uma coisa que me marcou, em ligação com as minhas pesquisas, é que quando falo com angolanos acerca delas, eles ficam surpresos (até a rir e não acreditam) mas olham para isso como algo positivo.

Pensa um dia viver em Angola, de modo particular em Cabinda?
(Risos...) Muito obrigado pela pergunta. É difícil não falar disso... É claro que a boca fala do que enche o coração. Há dois meses atrás, a resposta seria não. Diria "nem pensar nisso". Mas agora, depois de perder o meu coração para um "Muyombe", de Cabinda, que conheci durante a primeira viagem e com a relação alicerçada nesta última viagem a Cabinda, a resposta passa a ser diferente. Durante a minha estada em Cabinda este homem me deu muita alegria. Forjou músicas para mim. Cantou e encantou o meu coração. Compôs músicas em minha homenagem. E isto mudou completamente a minha agenda, pelo que estou a pensar em trocar ideias para um projecto de vida a dois com este homem em Cabinda. Posso lhe garantir que gostaria muito de viver em Cabinda e já estamos a fazer planos para isso. Antes deste romance, pensava voltar para aqui apenas para fazer pesquisas de pós-doutoramento, agora mais do que nunca o regresso a Cabinda é uma certeza. Já estamos a preparar projectos no campo cultural, social e agricultural. Queria também aprender a falar "Kiyombe" com "ki". Não só para satisfação dele mas sobretudo para compreender os cantos e contos que tenciono continuar a pesquisar no pós-doutoramento, amplamente predominado pelos "Bayombes". Mas como estamos a planear morar na região dos "Bakoci" ou "Balinji" (Cacongo), pode ser que venha a aprender também outras variantes. E é claro que também tenho que melhorar o meu conhecimento do português!

Para terminar?
Gostaria muito que todos os pais pudessem falar a sua língua materna com os filhos, para dar a eles não só este património linguístico mas também a cultura que vai com a língua através dos contos , canções e provérbios. Que não vejam a língua materna como algo inútil e velho. Digam sim ao português. Mas não menosprezem a sua língua materna, como muitos o fazem. Ela constitui um presente que deve ser herdado de geração em geração. Quero igualmente aconselhar as pessoas a valorizar os nomes tradicionais, que muitos não querem assumir (sobrenomes). O outro elemento importante a preservar é a forma de cultivar, vestir, cantar e dançar: são elementos que tornam cada povo autêntico e diferente do outro. Na nossa língua materna nós falamos sem medo de errar e há uma beleza autêntica que não se acha noutras línguas. Apenas nos sentimos em casa quando temos o domínio da nossa cultura, começando pela nossa língua e a maneira de ser, estar e fazer as coisas.

Perfil

Nome completo: Heidi Margaretha Rosita Daniël Goes.
Nacionalidade: Belga.
Data de nascimento: 15/3/1976.
Formação: Línguas e Culturas Africanas (Licenciatura).
Estado civil: Solteira (com um filho).
Sonho: Um mundo onde todas as vidas valem; um mundo onde todos tenham o suficiente para viver bem sem causar mal à terra ou a outras pessoas; um mundo sem matadouros, pescadores, caçadores e outras pessoas que matam animais e lugares onde se matam animais, um mundo sem armas, sem drogas, sem doenças, mas com muito amor, carinho, paz, natureza, danças e música.
Livro: Não tenho um livro preferido, mas gosto de dicionários e de livros com mapas dos países, livros de geografia, e claro, também livros escritos nas línguas Kikongo e/ou sobre a história de Cabinda.
Perfume: Natural, ecológico, sem produtos químicos que destroem a saúde.
Calçado: Sandálias ou calçados/sapatos de dança!
Prato preferido: Salada mista com muita verdura e sementes, azeite doce e vinagre.

DR

EMPRESÁRIA JILLY ROCHA

Dos primórdios na costura ao sector da restauração

A empresária Jilly Rocha, 37 anos, começou a interessar-se em aprender uma profissão quando tinha apenas "oito anitos". Seguindo as pegadas da mãe, que se dedicava à costura, acabou por se inclinar para este ofício. Mas agora o seu foco é a restauração

Joaquim Suami |Cabinda

Como queria crescer e tornar-se numa excelente costureira de sucesso, Jilly Rocha procurou a Dona Benvinda, uma empresária antiga do ramo de confecção de roupas, que a instruiu num período de dois anos, até obter os conhecimentos necessários. "Aprendi a costura com a Dona Benvinda. Ela deu-me aulas teóricas e práticas. Depois dos meus 10 anos comecei a trabalhar com a minha mãe na costura, a fazer panos de cozinha e as pegas à mão, porque na altura não tínhamos máquinas para confeccionar os nossos produtos", contou.

Segundo Jilly Rocha, a ideia de aprender uma profissão muito cedo vem-lhe do sangue e sempre teve os seus pais como exemplo. "A minha mãe foi sempre uma mulher batalhadora, assim como o meu pai. O meu pai é um senhor de mil ofícios. Ele sabe de tudo um pouco, é sapateiro, pedreiro, pintor, agricultor, criador e mais. A minha mãe sempre trabalhou no ramo da culinária, pastelaria e na costura, como forma de ajudar a família", disse.

Jilly, como é tratada pelos familiares e pessoas próximas, explicou que, até aos dias de hoje, ainda guarda em casa as primeiras bacias que comprou com o dinheiro com que vendeu o seu primeiro jogo de panos de cozinha a uma amiga da sua mãe.

Explicou que depois de se casar, aos 18 anos de idade, e ter concluído o ensino médio no Instituto Politécnico de Cabinda, deixou a costura e começou a inclinar-se para a culinária e hotelaria, com o pensamento de um dia tornar-se numa empresária de referência.

"Depois de casar e ter concluído a minha formação comecei a inclinar-me mais à culinária e hotelaria. Como tinha essa vocação e queria aprender mais, saía de casa para ir cozinhar na casa das minhas vizinhas. Quando a minha mãe se percebia chateava-se comigo, mas a minha intenção é era aprender a cozinhar", disse, acrescentando que também fazia gelados, pipocas e fritava bananas para vender na escola.

Pizzaria Xedos

Depois de ter acumulado algum dinheiro, avançou para o ramo da restauração com a produção de pizzas diversas. Mais tarde, com o apoio do marido, um gestor bancário, criou a empresa "Pizzaria Xedos", que se tornou a primeira em Cabinda na confecção de pizzas.

"O meu sonho foi sempre chegar até onde cheguei hoje. Com o apoio do meu marido as coisas tornaram-se fáceis. Com o dinheiro que ele ganhava conseguimoscriar a empresa Pizzaria Xedos. No princípio vendíamos apenas pizzas e churrascos, mas actualmente comercializamos de tudo um pouco: chips de batata macoco, de banana, mandioca, aperitivos de jinguba, de coco, paracuca e salgados com picante, açúcar e canela", disse.

De acordo com a empresária Jilly Rocha, a Pizzaria Xedos começou a funcionar na garagem do quintal do seu pai, sita na rua de Macau, próximo ao Largo do Ambiente, com oito trabalhadores. Cresceu mais tarde para 32 funcionários.

"Fornecemos variados quitutes para casamentos, aniversários e servimos bufês para alembamentos. Os preços dos nossos produtos são acessíveis",disse, referindo que se sente uma empresária de sucesso fruto do trabalho árduo que tem feito no ramo da restauração.

"Sinto-me uma empresária de sucesso porque vim de longe e reconheço isso. Não foi fácil até onde cheguei e tem sido uma luta constante. Para quem está no ramo da restauração o importante é inovar, ou seja, fazer algo novo para cativar os clientes e para que haja mais procura", referiu.

Mais projectos

A par dos produtos que comercializa, a empresária Jilly Rocha pensa ampliar a sua linha de produção. "Os projectos são muito e quero expandir o meu negócio para outras localidades da província de Cabinda. Por exemplo, um dos projectos é a legalização da marca Pizzaria Xedos, com os produtos que confeccionamos à base dos quitutes da terra. A ideia é timbrarmos os nossos produtos com a nossa marca para vendermos dentro e fora do país", explicou.

EDIÇÕES NOVEMBRO

PERFIL

JILLY ROCHA

Idade
37 anos
Filhos
5

Estado Civil
Casada
O país que gosta?
Brasil
Onde passa férias
Brasil
Prato Preferido
Safalha de peixe com arroz e chicuanga
Desporto
Futebol
Clube
FC do Porto
Perfume
Dav Doff
Estilo de música
Gospel
Religião
Católica
Vício
Trabalho
Virtude
Ser mulher guerreira
Poligamia
Não concordo
Ciumenta
Sim, com motivo

EDIÇÕES NOVEMBRO

EDIÇÕES NOVEMBRO

EDIÇÕES NOVEMBRO

Reconheceu que apesar das dificuldades que as empresárias locais do ramo enfrentam, o mercado da restauração, em Cabinda, está a crescer, tal como a concorrência.

"Fomos os primeiros a abrir uma pizzaria em Cabinda, numa fase difícil. A população não estava acostumada a comer pizza. Para ganharmos a confiança dos clientes, tivemos que trabalhar das oito da manhã até as três da madrugada. Hoje, já existem muitos locais onde se confeccionam pizzas.A concorrência faz parte do negócio, ajuda-nos a melhorar com o andar do tempo", explicou.

A grande inspiração

De acordo com a empresária, a família tem sido a sua fonte de inspiração para vencer na vida. Segundo ela, o sucesso da empresa Pizzaria Xedos, no mercado cabindense, é fruto da inspiração da família. "Sou uma mulher casada e tenho cinco filhos. Conciliar família com o trabalho não é fácil, mas Deus constituiu a mulher numa fórmula que é divina, porque a mulher consegue dar conta de tudo, desde que não se atrapalhe em nada", disse.

Referiu que, pessoalmente, não se atrapalha em nada, porque o marido e os filhos maiores a ajudam a dar conta das coisas. "A minha quarta filha diz sempre que vai seguir as pegadas da mamã e o rapaz toma conta de todo o sistema informático da empresa. Os meus pais, irmãos, primos e outros membros da família incentivam-nos a continuar a trabalhar para a expansão dos negócios", disse, apelando às mulheres angolanas a batalharem na vida e a criarem iniciativas de negócios para o sustento das suas famílias, de modo a evitarem a dependência dos maridos.

EM TORNO DA VISITA DO PAPA A MARROCOS

Vivências de uma odisseia em terras do Islão

EDIÇÕES NOVEMBRO

Augusto Cuteta

Malas feitas. Destino é Rabat, a capital do Reino de Marrocos. De dentro dos aposentos, ouve-se o roncar dos motores de três mini-autocarros. Neles, está o primeiro grupo de jornalistas africanos a pisar o chão marroquino, para cobrir a visita do Papa Francisco, entre os dias 30 e 31 do mês de Março.

Antes, a equipa de jornalistas empenha-se na cobertura da Reunião Ministerial Internacional, que discute o diferendo entre Marrocos e o Saara Ocidental. Dois dias depois, Rabat, que recebe o Papa Francisco, a convite do Rei Mohammed VI e dos bispos deste Estado da África do Norte, é a nova terra a reportar.

Minutos depois, os automóveis modernos partem e, para trás, aos poucos, fica a pequena cidade de Marraquexe. Os mini-autocarros rasgam as estradas dos bairros agitados da região, a famosa "Cidade Vermelha", onde o trânsito é caótico, nalguns troços.

A zona urbana é deixada. Agora, a via expresso, numa viagem de mais de 320 quilómetros, é percorrida em mais ou menos três horas. A estrada é boa, pelo que a circulação é feita sem sobressaltos, apesar de o "chofer" pisar fundo o pedal para ultrapassar, nalguns troços, os 120 km/hora.

Não muito diferente da via expresso Fidel Castro Ruz, em Luanda, a via expresso de Marraquexe, que passa, também, por Casablanca, oferece segurança aos passageiros. Para peões, são vistas várias pedonais ao longo do percurso, assim como algumas vias de serviço.

A música no interior do veículo inspira o motorista, um "kota" marroquino, que fala berbere, francês e experimenta o inglês. Embora não se perceba o seu conteúdo lírico, o som é bom de ouvir. Aliás, não é à toa que o repórter do Jornal de Angola, o único angolano na cobertura da visita papal, balança a cabeça, enquanto movimenta os pés!

Com a música, ao longo do trajecto, apreciam-se alguns encantos paisagísticos de Marrocos, localizado no Magrebe, banhado pelo Oceano Atlântico a oeste e pelo mar Mediterrâneo a norte. O país, com 444.550 quilómetros quadrados de superfície, faz, igualmente, fronteira com a Argélia a leste e a sul e sudeste com a Mauritânia.

País montanhoso, Marrocos tem quatro destacadas

cadeias montanhosas como o Rife, com a orientação noroeste-sudeste, que tem a ver, do ponto de vista geológico, com as cordilheiras do sul da Península Ibérica, tendo como ponto mais alto o monte Jbel Tidirhine (2.456 metros). Neste item, a natureza marroquina dispõe, igualmente, o Médio Atlas, o Alto Atlas e o Anti-Atlas.

O Alto Atlas é a cadeia com as montanhas mais altas de Marrocos, onde se encontra o Jbel Toubkal (4.165 metros), aliás, o pico mais alto do norte de África e situase a sul do Médio Atlas. Finalmente, o Anti-Atlas, que é a cordilheira mais meridional e mais árida, faz fronteira com o deserto do Saara.

Quem olha para montanhas, divisa o céu, claro. E, durante a viagem, a chuva ameaça, mas não cai. É como que um jogo de "o gato e o rato", em que o sol ardente dá lugar a um clima frio e este, posteriormente, deixa o sol dar o ar da sua graça. Nesse trocadilho de precipitação ou não, os jornalistas atingem Rabat. Aqui, a cidade não é vermelha como Marraquexei. A capital de Marrocos tem os edifícios decorados a branco.

Essa parcela de Marrocos tem uma área total de 118 quilómetros quadrados e uma população de quase dois milhões de habitantes, um pouco menos que Casablanca, que tem mais de três milhões de residentes. Mas, Marrocos não é só Rabat, Casablanca e Marraquexe. Tem outras cidades como Fez, com 2,1 milhões de habitantes, Tânger (1,7 milhões), Salé (920 mil), Meknes (835 mil), Kenitra (672 mil), Tetuão (463 mil) e Beni Mellal, que controla uma população de 447 mil habitantes.

A actual capital do reino, fundada em 1150, tem uma densidade demográfica (habitantes por km^2) de 16.779 e uma altitude de 53 metros. Mais movimentada que Marraquexe, embora mais organizada, Rabat tem o comércio, serviços, indústria, hotelaria e turismo como as principais actividades económicas.

Com uma temperatura média anual de 18 graus Célsius e clima temperado oceânico, Rabat é uma cidade moderna, com edifícios altos, diferente de Marraquexe, por exemplo. Mas, tem vários outros atractivos, como a Torre Hassan, Necrópole de Chella, Mequita de Agdal e a Catedral de São Pedro de Roma, que acolhe um dos encontros entre o Papa Francisco e cristãos do país, no dia 30 de Março.

Além disso, o país, que se veste a católico, em grande dimensão, nos dias 30 e 31 de Março, pela visita do Papa Francisco, dispõe ainda do Palácio Real de Dâr-al-Mahkzen, Fortaleza Udaia, Castelo dos Oudaias, Mausoléu de Mohammed V, Avenida das Forças Armadas Reais e o Museu de Arte Contemporânea.

Olhos católicos no coração de muçulmanos

O Reino de Marrocos tem uma população constituída por 99 por cento de muçulmanos e só um por cento representa os cristãos. Apesar deste cenário, de 30 a 31 de Março, esses católicos convivem com o seu líder mundial, o Papa, que chega ao país africano a convite do Rei Mohammed VI. Os cristãos tomam conta de Rabat. As ruas estão cheias de gente. Cerimónias religiosas com o registo de milhares de pessoas, numa terra em que os seguidores de Jesus Cristo, incluindo protestantes, são mais ou menos 380 mil apenas.

O número pode crescer. Embora a grande maioria dos cristãos no Marrocos seja migrante, há já sinais de que alguns, uns poucos, marroquinos se converteram ao Cristianismo, mas ainda são adoradores secretos. Estima-se em mais de oito mil pessoas.

No país, com mais de 33 milhões de habitantes, a comunidade judaica de Casablanca é representada por cerca de 2.500 pessoas e as de Rabat e Marraquexe não passam dos 100 membros cada. Outra parte da população judaica está dispersa por todo o Marrocos, sendo a maioria idosa. Já os bahá'í, localizados em áreas urbanas, têm de 350 a 400 integrantes.

Um teste ao Cristianismo

O Papa está em Marrocos. E, durante os dias 30 e 31 de Março, depois de João Paulo II ter visitado, em 1985, o povo marroquino, Francisco mede a pulsação do Cristianismo em terras do Islão. A população católica está em festa e o país ou parte deste, também. Por isso, agora, o cenário que assistimos até três dias antes da visita papal muda completamente. A beleza da cidade é reforçada. Há efectivos policiais e militares em várias artérias da capital. A imprensa já passa a dar grandes espaços nas suas edições à visita do Papa.

A odisseia papal é contagiosa. O repórter deste jornal sente-a, também. Quando o Bispo de Roma chega ao Aeroporto Internacional de Rabat, por volta das 13 horas de Angola, saindo de Roma, São Pedro abre as comportas e a chuva toma conta da cidade. Nessa altura, com mais de 10 mil pessoas, o jornalista está à espera do Papa, na Esplanada da Mesquita Hassan, onde Francisco pronuncia o seu primeiro discurso.

A chuva teima em cair. O Papa fala para o público, depois de ouvir o discurso de boas vindas do Rei Mohammed VI. O repórter está atento, mas busca, a todo o custo, captar as palavras dos dois líderes, pois, as águas do alto não o deixam fazer apontamentos. Mais complicado ainda, por os equipamentos electrónicos, como telefones e computadores, não serem permitidos na cerimónia.

Quando o Papa conclui o discurso e abençoa a Nação marroquina, a chuva, que, por cerca de duas horas, bate sobre os presentes, em espaço aberto, e, com ela, temperaturas muito baixas, cessa. O repórter é mimoso. Não aguenta o frio. Por pena, duas senhoras, de nacionalidades não identificadas, pegam em panos e cobrem-no. Mas o frio teima em fazer das suas. As mãos e o corpo todo estão trémulos, que nem se ouve o "merci" sair da boca do jornalista.

A cerimónia termina. O Papa e o Rei Mohammed VI estão agora a visitar o Mausoléu Mohammed V, para daí seguirem ao Instituto Mohammed VI dos Irmãos e Irmãs Pregadores e Pregadoras. Depois, Francisco segue para a sede da Caritas Diocesana, para um encontro com migrantes.

Recuperados os equipamentos, as mãos friorentas do jornalista não facilitam a redacção da reportagem, mas o Jornal de Angola, em Luanda, está à espera do texto. Alguns exercícios ajudam a subir a temperatura. E, depois de uma hora, a peça está pronta e é expedida. No domingo, último dia da 28ª Visita Apostólica, desde a sua eleição ao cargo, a 13 de Março de 2013, coincidentemente, data de aniversário do repórter deste diário, o Papa inicia o programa com uma visita ao Centro Rural de Serviços Sociais de Témara. Ruma, a seguir, à Catedral de Rabat, templo construído em 1921, para encontrar sacerdotes, religiosos, consagrados e o Conselho Ecuménico de Igrejas, onde profere o seu segundo discurso e reza o Angelus.

Depois de um almoço com o séquito papal, o Bispo de Roma reza a Santa Missa, no Complexo Desportivo Príncipe Moulay Abdellay, onde participam mais de 10 mil almas. Perto do fim do dia, o argentino Jorge Mario Bergglio, nome próprio do Papa Francisco, despede-se dos marroquinos, no Aeroporto Internacional de Rabat/Salé, regressando à Roma. Missão cumprida. Dá a sensação de que a Igreja aprovou no teste!

A igreja marroquina

O Papa foi, mas o jornalista tem mais textos para redigir. Nesse momento, pensa nas peripécias por que passou para chegar a Marrocos. O primeiro voo que perde, na madrugada de domingo de 24 de Março. Na manhã do dia seguinte, parte para Lisboa, onde segue para Marraquexe. Aqui, vai directo para uma reunião ministerial. Nem tempo tem para vestir o fato.

A dificuldade de entender berbere e francês falado são outras situações que embaraçam o repórter. O seu fraco inglês e a força da linguagem gestual dão vida à comunicação, graças a Deus. E dias menos dia, o repórter consegue desvendar a Igreja Católica no Marrocos, que celebra os 800 anos da presença dos primeiros missionários católicos, os franciscanos.

Neste momento, o Reino de Marrocos tem apenas 0,07 por cento de católicos, duas catedrais, sendo uma em Rabat e outra em Tânger, esta última que controla cerca de oito mil fiéis. Estas duas divisões eclesiásticas dispõem de 35 paróquias.

Dois arcebispos e quatro bispos são auxiliados por um grupo de 15 padres diocesanos e 31 padres religiosos, o que representa um sacerdote para mais ou menos 500 fiéis católicos. A Igreja dispõe apenas de dez religiosos não-sacerdotes, 178 religiosas professas e três missionários leigos, numa altura em que o Reino do Marrocos está a formar 14 futuros padres e religiosos, que frequentam os seminários maiores.

Apesar das limitações impostas pelas autoridades, a Igreja Católica, no Marrocos, tem feito algum trabalho de carácter social, principalmente na área educativa, com a criação de 26 escolas maternas e primárias. Dispõe, igualmente, de oito escolas médias e secundárias. Um hospital, que tem sete serviços ambulatórios, duas casas para pessoas da terceira idade e portadores de deficiência, além de dez orfanatos, são outras obras da Igreja no Marrocos, na área social.

Depois de Marrocos

Depois de Marrocos, a ansiedade pelo regresso invade a mente do repórter. Com dois bilhetes em mãos, um Marraquexe-Lisboa-Luanda e outro Casablanca-Luanda, a escolha recai para o segundo percurso, uma vez que o primeiro complica mais. O repórter não opta pela primeira rota porque tem de passar a noite no aeroporto da capital portuguesa e só viajar 22 horas depois.

No imponente Aeroporto Mohammed V, o jornalista recebe, em árabe, a informação de que não pode embarcar. O seu bilhete foi cancelado. Pede que se lhe falem em inglês. A funcionária aeroportuária faz as devidas explicações. Tem mais ou menos 30 minutos para estar no voo.

As ligações com o pessoal do Ministério dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação Internacional de Marrocos estão difíceis. O regresso à Rabat, de táxi, são 60 dólares. O repórter insiste e Sophian, o funcionário ministerial que cuida dos jornalistas africanos, responde a uma mensagem, via whatsaap. Este faz uns telefonemas e a situação está resolvida. Restam dois minutos para estar no avião.

Os passageiros para Luanda estão no avião faz tempo. Um favor e mais outro, 20 minutos depois, o jornalista está a bordo. E a viagem segue. Sete horas depois, está-se em terras da Kianda. São 2h25. É madrugada e o motorista não aparece.

O jornalista decide pegar um taxi e, quando está a escassos dois quilómetros da Cidade do Kilamba, recebe uma chama da Teresa Cipriano, a chefe da área de Relações Públicas da Edições Novembro, para saber da sua localização. O "motorista está no aeroporto. "Pode mandar o motorista regressar a casa, porque já estou a chegar à Cidade do Kilamba e prestes a pagar 21 mil kwanzas pela corrida de táxi", responde.

Rei Mohammed VI

Já em casa, a felicidade, pelo regresso, oito dias depois, toma conta da família. Durante o curto diálogo com a mulher, o jornalista pensa, de novo, no desenvolvimento que vive Marrocos, uma monarquia constitucional, com um parlamento eleito democraticamente. O seu rei é o Chefe do Governo.

Além de Chefe de Estado, o Rei de Marrocos é, igualmente, o "Líder dos Fiéis" e defensor do islamismo, o Amir al-Mu'minin, o que lhe confere alto grau de legitimidade junto à população. Mohammed VI ou Maomé VI assumiu o reinado, a 23 de Julho de 1999, depois da morte de Hassan II.

O Rei Mohammed VI é o filho mais velho do rei Hassan II de Marrocos, que esteve entre 1961 a 1999 à frente da coroa marroquina. Em 2002, o actual rei, o 18º da Dinastia da Casa de Alaoui (que reina Marrocos desde 1966), casou com Salma Benani que, como sua mulher, ficou com o título de princesa consorte e passou a chamar-se Lalla Salma de Marrocos.

O Rei Mohammed VI tem com Lalla Salma dois filhos: o príncipe herdeiro Moulay Hassan (nascido em 2003) e a sua irmã, a princesa Lalla Khadjia (nascida em 2007).

Mohammed VI é o sétimo monarca mais rico do mundo, em 2009, segundo a revista Forbes, com uma fortuna estimada em 1.900 milhões de euros.

Nascido em 1963, Mohammed VI, o mais velho de cinco irmãos (dois homens e três mulheres), desde cedo, mostrou-se uma pessoa moderna. Por isso, tem feito várias aberturas no sistema de governação de Marrocos. O rei deu, inclusive, garantias ao Papa de maior abertura no que diz respeito à liberdade religiosa e ao diálogo inter-religioso.

EDIÇÕES NOVEMBRO

"DENÚNCIA DOS VÂNDALOS"

Malambando distante

Aqui é já regra deles, se alguém notar alguma anormalidade qualquer, pensando na cultura e nos hábitos que eles meteram em suas cabeças, esse alguém pode ligar à polícia e essa, no palavra-passa-palavra, via rádio, chega ao denunciado

Soberano Kanyanga

Em Viena, onde o frio e o silêncio se casam e cantam mais alto, Mangodinho é campeão dos solilóquios, a provocar inveja aos maus alunos de Sócrates, o filósofo helénico que amava a pergunta e auto-resposta como forma de "cavar" o conhecimento da cosmovisão.

– Então, Mangodinho, desde as onze e trinta que desceste do quarto, sempre nessa cadeira da recepção do hotel, não te vais embora?

– Desci apenas para evitar que me debitem mais uma diária no já parco orçamento que tenho disponível. A diária termina ao meio-dia, mas como esses gajos estão sempre com o olho no relógio e no dinheiro, preferi descer mais cedo.

– E por que não pões à guarda deles as tuas imbambas e vais sacudir um pouco as pernas, andando por aí? – Xê, te mandaram ou quê? Aqui, a polícia é rigorosa nas multas. Andas só um pouco a toa, já te vêm em cima.

– Como assim, Mangodinho? Polícia põe ordem ou fica a atrapalhar a vida dos cidadãos?

"Quando chegar à Ngimbi, vou passar a dica aos nossos polícias para incluírem nos seus conselhos úteis ao cidadão a cultura da denúncia da incivilidade"

– Ordem deles é, para nós, uma ditadura. Então, veja só: doutra vez, quase me multaram por ter atravessado a passadeira, em sinal vermelho, mesmo sem vir carro em nenhum dos lados.

– O pólice estava por perto ou quê, Mangodinho? O que aconteceu para te identificarem?

– Aqui, é já regra deles, se alguém notar alguma anormalidade qualquer, pensando na cultura e nos hábitos que eles meteram em suas cabeças, dizia, esse alguém pode ligar à polícia e essa, no palavra-passa-palavra, via rádio, chegar ao denunciado.

– Mas como é que te actuaram então? Foste acusado de quê, Mangodinho?

– Veja. É tempo de frio. O queixoso terá pensado: esse preto para atravessar assim, deve estar coado. Ligou à polícia. O carro mais próximo foi ao encontro e fez o resto. Só ouvi já: "deutch or english"?

– Português. – "Se" complicamos ainda um bocado. Depois, começámos mesmo a soletrar na língua intermediária, o inglês, até darem conta que não estava coado, mas me encurralaram na travessia.

– Passport, please.

– Entreguei.

– Visa, please?

CONTREIRAS PIPA | EDIÇÕES NOVEMBRO

– Mostrei ao magala que tinha dado quatro voltas ao documento sem encontrar o visto.

– Where is your hotel?

– Near. Aqui próximo. Mostrei.

– What are you doing here?

– Looking for my dad who is dead a long time in Angola.

Essa parte já é que meteu os três gajos enfurecidos, ao ponto de me exibirem a caderneta das multas: thirty euros!

– Porra! Tudo isso?!

– Yá. Mais ou menos assim. Quando chegar à Ngimbi, vou passar a dica aos nossos polícias para incluírem nos conselhos úteis ao cidadão a cultura da denúncia dos vândalos e outros actores da incivilidade.

COMER EM CASA

Costelinha de porco

Ingredientes

- 1 costela de porco;
- sumo de 1 limão;
- 1 colher de sopa de vinagre de maçã;
- 1 colher de sopa de cominho (em pó);
- 1 colher de chá de orégano;
- 4 dentes de alho (triturados);
- sal e pimenta do reino a gosto e azeite.

Molho:

- ¼ chávena de azeite;
- 1 dente de alho (triturado);
- sumo de 1 limão e folhas de coentro;
- sal e pimenta do reino.

Preparação

Tempere a costelinha com sumo de limão, vinagre, cominho, coentro, orégano, alho, pimenta do reino, sal e azeite. Misture bem. Deixe no tempero por 1 hora. Depois, asse a costelinha por 2 horas. Pincele com azeite. Para fazer o molho de coentro, primeiro corte, em picadinho, as folhas de coentro e o alho, misture com o azeite, o sumo de limão, a pimenta do reino e o sal. Sirva com a carne.

Bolo de fruta no tabuleiro

Ingredientes

- 4 chávenas de farinha de trigo;
- 250 gr de margarina (derretida e esfriada);
- 2 chávenas de açúcar;
- 4 ovos;
- 1 colher de sopa de fermento de bolo;
- 1 chávena de água;
- 1 pitada de sal;
- 1 limão (sumo e casca raspada);
- 3-4 chávenas de fruta (em fatias).

Preparação

Misture os ingredientes secos numa tigela grande e os húmidos (sem a fruta) noutra. Combine as duas misturas e deite a massa num tabuleiro untado. Distribua a fruta por cima. Pode usar maçã, pera, manga (não muito madura) e o pêssego. Asse em forno médio (180°C) por 30-40 minutos.

Banana-shake

Ingredientes

- 3 copos de leite gelado;
- 2 bananas maduras;
- 2 colheres de sopa de açúcar;
- 4 colheres de leite moça;
- 1 colher de chá de cacau.

Preparação

Coloque o leite dentro dum jarro estreito e alto. Descasque as bananas e corte-as em pedaços, junte ao leite e adicione o açúcar. Bata com a varinha mágica durante 1 minuto (pode usar um garfo para fazer um puré fino das bananas, caso não tenha a varinha). Despeje o leite de banana em 4 copos. Misture o leite moça com o cacau e ponha uma colher dessa mistura sobre cada "shake". Sirva imediatamente.

FICHA TÉCNICA

Título
Game of Thrones

Lançamento: 2011

Gênero: Fantasia, Drama, Aventura

Duração: 50-80 minutos

Director: David Benioff e D. B. Weiss

EM EXIBIÇÃO

Canal SyFy (Zap)
Episódios: 67
Temporadas: 7
Exibição: Segunda-feira
Horário: 02h00 e 22h15

ALUSÕES

Poder

A luta pelo poder é o principal foco de toda a série, que explora também outros pontos relacionados com esta temática, como as conspirações feitas por quem almeja o poder e os seus ganhos, assim como os sacrifícios a que muitos estão dispostos para se manterem em posições privilegiadas. Mesmo sendo uma série ficcional, "Guerra dos Tronos" destaca temas muito enquadrados na actual realidade, especialmente ao explorar os diversos pontos deste assunto, incluindo a falsidade e a importância da informação no "jogo de cadeira" da luta pelo poder.

Honra

Uma das palavras muito comuns ao longo da série é honra, talvez por ser uma história medieval, com cavaleiros, nobres, reis e rainhas. Mas ao analisar o significado ou as consequências de seguir ou respeitar esta palavra, a série vai mais além, ao ponto de levar o público a reflectir, constantemente, acerca da sobrevalorização actual desta palavra, visto que hoje em dia o termo caiu na banalização e no desuso. A honra deixou de ser uma "palavra credível" no dicionário do homem moderno, um erro que deve ser corrigido com urgência.

"GUERRA DOS TRONOS"

A melhor obra da tv dos últimos anos

"O Inverno chegou" e com ele também veio o fim da mais mediática e controversa série dramática já exibida na televisão. Os prémios obtidos e a "legião" de fãs que conquistou ao longo dos anos permitem-lhe entrar para o "hall da fama" mundial

Adriano de Melo

A cultura pop já criou produtos espectaculares. Alguns nunca vão poder ser equiparados ou superados. "Guerra dos Tronos" está nesta última categoria. É praticamente impossível uma outra série conseguir gerar tanto sucesso, admiração, fãs e críticas positivas, quanto a criação de David Benioff e DB Weiss.

Por isso, escrever sobre "Guerra dos Tronos" é um exercício único para qualquer um. Uma série que não tem pontos negativos. Apenas elogios e não só dos fãs de aventuras medievais, mas de todos, inclusive da própria crítica internacional. Entre os seus vários recordes, constam dois de maior referência: ser a série mais pirateada e a mais chocante e imprevisível dos últimos anos na televisão.

Não há quem tenha assistido a série, ao longo destes anos, e não tenha ficado impressionado com a imprevisibilidade da história. É comum vermos uma produção onde os actores favoritos do público acabam mortos. Mas foi assim que o autor da narrativa original, George Martin, habituou os leitores de "As Crónicas de Gelo e Fogo", na qual "Guerra dos Tronos" é baseada.

O "rei da noite" é o destaque desta temporada

Por isso, momentos como o "Casamento Vermelho", ou a "Caminhada da Vergonha", jamais vão ser esquecidos pelos fãs, assim como as várias outras razões que deram a "Guerra dos Tronos" os inúmeros prémios e tornaram-na na mais distinguida dos últimos anos na TV.

Além dos prémios e de toda a aventura medieval, a própria série dá um destaque especial à luta pela emancipação feminina (uma curiosidade notável já que as aspirantes ao trono são mulheres), assim como uma profunda e controversa análise do relacionamento entre a igreja e o Estado.

Agora no fim, com a oitava e última temporada a ser exibida a partir de amanha, às 02h00 (em directo) e às 22h15 (reposição), no canal SyFy, da Zap, "Guerra dos Tronos" vai deixar uma imensa nostalgia a todos os seus fãs.

Porém, as teorias em torno deste final ainda continuam a gerar inúmeros debates e mesmo que o presidente do canal HBO (detentor da série) tenha dito que cada episódio desta última temporada equivale a um filme, todos os cuidados foram tomados pelo estúdio para a história não vazar. Nem mesmo os actores ou a equipa de filmagem podem dizer qual é o fim da série. A HBO filmou vários finais só por precaução e ninguém sabe qual é o certo.

Então "o Inverno chegou" e com ele veio a morte, o maior inimigo da humanidade. Para quem assistiu a série desde os primeiros episódios, essa promessa justifica a espera. Os "novatos" têm a oportunidade de ver todas as temporadas que estão a ser exibidas pelo canal SyFy. Aos "veteranos", só resta dizer o fim chegou: "valar morghulis".

ALTOS

A criação dos heróis

A forma cuidadosa como são construídas as personagens é algo sem igual numa série com tantas temporadas como "Guerra dos Tronos". Ao longo de cada episódio, o público aprende a conhecer os seus heróis, os seus defeitos e virtudes. Mesmo com alguns a perecerem ao longo da "jornada" e o drama gerar um desapego pelas personagens, David Benioff e DB Weiss deram um retoque sem igual aos heróis de Westeros.

BAIXOS

A hipótese de falhar

O final é sempre mais complicado. Depois de anos de sucesso, escrever um final à altura de um êxito mundial é um desafio sem igual. Um exemplo foi "Lost", série da autoria de JJ Abrams, que gerou muita expectativa ao longo dos anos em que foi exibida, mas tropeçou e gera, até hoje, muitas críticas. O mistério que está a ser feito em torno de "Guerra dos Tronos" tem de valer a expectativa em especial dos fãs, que já cogitam várias teorias na Internet. A sétima temporada foi uma destas que não passou impune as críticas dos fãs que esperavam muito mais.

PUBLICIDADE

Nascer livre para brilhar

Se estás a pensar engravidar, deves fazer o teste de VIH.

Dirige-te a uma unidade de saúde.
Protege o teu bebé.
O teste é gratuito.

Toda a mulher que está a pensar engravidar deve ter conhecimento do seu estado de saúde. É muito importante para ti e para o teu futuro bebé. E se descobrires que tens VIH, podes primeiro iniciar o tratamento e depois engravidar com toda a segurança. Informa-te numa unidade de saúde. Garante que o teu bebé nasce livre para brilhar e que tu vais continuar sempre saudável ao lado dele. Faz o teste do VIH, é gratuito.

NASCER LIVRE PARA BRILHAR
ÁFRICA UNIDA CONTRA O VIH NA CRIANÇA

REPÚBLICA DE ANGOLA
GABINETE DA PRIMEIRA DAMA

REPÚBLICA DE ANGOLA
MINISTÉRIO DA SAÚDE

GOVERNO DE ANGOLA

(700.012a)

PUBLICIDADE

UNITEL

Seeds for the Future

Inscreve-te e ganha duas semanas de formação na China

Semeia o teu futuro com a Unitel e a Huawei. Mostra o teu talento em TIC e aprende com os melhores.

INSCRIÇÕES
1/10 ABRIL 2019
SABE MAIS E INSCREVE-TE EM
UNITEL.AO

PARA PARTICIPAR TENS DE:
TER NACIONALIDADE ANGOLANA
TER ENTRE OS 18 E OS 30 ANOS
SER ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO
FREQUENTAR OU TER TERMINADO O 3º ANO
TER MÉDIA DE 14 OU MAIS
SER FLUENTE EM INGLÊS
TER PASSAPORTE VÁLIDO

HUAWEI

(500.449)

CARNAVAL FORA DE ÉPOCA DO UNIÃO RECREATIVO KILAMBA

“Ngasakidila amigos”

Um mês depois da sua segunda consagração, o vencedor da edição de 2019 do Carnaval de Luanda, União Recreativo Kilamba, juntou amigos e colaboradores no Centro Cultural e Recreativo Kilamba para agradecer e oferecer diplomas de reconhecimento às pessoas singulares e colectivas que ao longo dos últimos quatro anos têm ajudado o grupo no percurso de sucesso

Analtino Santos

EDIÇÕES NOVEMBRO

O quintal do Kilamba serviu de réplica ao palco do desfile central, na Marginal, onde no dia 5 de Março a agremiação carnavalesca convenceu o júri, presidido pelo jornalista Sebastião Lino, a atribuir a si o prémio de vencedor do Carnaval de Luanda.

Na casa que tem o Muzonguê da Tradição como seu principal projecto recreativo-cultural, precisamente no mês que ficou marcado pela não realização deste encontro dos amantes da música angolana, a festa de consagração do grupo União Recreativo do Kilamba conseguiu manter ao de cima a aura do recinto. Ao contrário do ano passado, em que a festa de consagração deste mesmo grupo carnavalesco aconteceu numa edição do Muzonguê da Tradição, desta feita o evento realizou-se diante de um público especialmente afecto e amante da história e do ambiente do caranval de Luanda.

Clima de carnaval

Antes do mestre-de-cerimónias tomar a palavra a música ambiente foi ao som dos temas das mais recentes edições do Carnaval de Luanda, o que proporcionou um clima próprio do entrudo, para os foliõese os convidados presentes. No entanto, algo que marcou a festa foi a forma entusiasta, cheia de vibração, como foi recebida a música do cantor Miguel Buila. E o véu foi descoberto: é que após o anúncio do vencedor nas instalações da LASP, vários membros do grupo saíram à rua a cantar o tema de Buíla, em que o autor agradece e pede a bênção do Senhor. Foi feito um vídeo, que teve repercussão nas redes sociais e tocou o coração de Miguel Buila, que agora pretende fazer um vídeo-clipe com elementos do grupoUnião Recreativo Kilamba.

Famosos e anónimas

Minguito Faztudo, figura emblemática quetem sido o pau para toda a obra do grupo, e Dom Caetano, compositor e intérprete da canção deste ano do União Recreativo Kilamba, foram os mais ovacionados entre os homenageados. Também foram muito bem acarinhados os elementos da direcção e da corte.

Com Poly Rocha como mestre de cerimónia, foram reconhecidas ainda figuras como Patrícia Faria e Carlos Lamartine, que deixaram as suas impressões digitais como intérprete e compositor nos primeiros temas musicais do grupo, ainda na fase da liguilha e no desfile da Classe B.

Os patrocinadores Obra-Bella, organização não governamental Chau, Casa de Cultura do Rangel Nzinga a Mbande, Centro Cultural e Recreativo Kilamba, Administração do Rangel, Comité Miss Angola, dentre outras instituições e marcas, receberam diplomas de reconhecimento e mérito.

Figuras conhecidas e anónimas também foram reconhecidas e receberam certificados de participação numa autêntica festa de carnaval fora de época.

Nem a chuva impediu

A apresentadora de TV Dina Simão, os músicos Jorge Mulumba, Dj Mania, Dom Caetano e Bela Brinca na Areia destacaram-se entreas figuras públicas reconhecidas.

Dos anónimos o destaque recaiu sobre os membros das alas dos percussionistas, dos gentios, do xinguilamento, da corte e as senhoras do bairro que ao longo do tempo se tornaram conselheiras, bem como os fabricantes dos adereços, bailarinos e os jovens que representaram os escravos, tema do enredo do grupo este ano, e tantos outros que, segundo Poly Rocha,“era necessário que fossem homenageados, porque eles são os verdadeiros obreiros”.

Foram tão diversos e variados os momentos que nem mesmo a chuva conseguiu impedir a realização da festa. Deu para sentir o grau de organização do grupo, que priorizou a entrada de todos os membros e amigos, sendo, muito orginal e criativamente, o convite um bubúcomo incentivo a que os membros tenham as cotas em dia. Facto extremamente marcante foi o anúncio de que o valor monetário do prémio conquistado no entrudo luandense vai ser repartido pelos membros com a situação regularizada das cotas.

Onde o improviso não mora

O grupo União Recreativo Kilamba,que teve a sua aparição pública em Outubro de 2015, na liguilha para o apuramento para a Classe B, tem uma história recheada de conquistas. Em 2016 chegou, viu e venceu na Classe B.

O grupofoi fundado no dia 27 de Julho de 2015,em homenagem ao Comandante Nelito Soares, patrono do bairro onde estão sediados. O União Recreativo do Kilambatambém é um reconhecimento ao Centro Recreativo e Cultural Kilamba, parceiro deste o início do projecto.

Na sua segunda presença na Classe A, na última edição do carnaval repetiu o feito de 2018, levando para a Nova Marginal cerca de 800 foliõesao som de “Muangola (Angola e seus ancestrais)”,de Dom Caetano. O enredo fez uma abordagem à temática da escravatura, marcado pela aposta em alegorias como o navio e as imagens de Kimpa Vita, Mandume e Nzinga Mbande. Foi assente no ritmo Semba que o grupo repetiu a proeza da edição passada, acrescentando à conquista, desta feita, o prémio de melhor canção.

Se há uma palavra para definir o grupo União Recreativo Kilamba só pode ser “trabalho”. Muito trabalho. Trabalho atempado, temperado com muito suor e espírito de equipa, onde nada é deixado ao sabor do improviso.

Estreias-TVcine

Missão: Impossível – Fallout

A saga começa quando três unidades de plutónio são roubadas por um grupo terrorista com o intuito de construir armamento. Ethan Hunt é encarregue da missão de as recuperar, mas, num momento decisivo, opta por salvar a vida do seu colega Luther Stickell. Falhada a missão, Ethan passa a estar sob investigação dos seus superiores da CIA. No entanto, decide completá-la por conta própria. Mas quando o chefe do grupo terrorista é morto, e Ethan se apropria da sua entidade para se aliar a uma traficante de armas de pseudónimo White Widow, para recuperar o plutónio, passa também a ser perseguido por toda a rede criminosa. Colaborando com uns e perseguido por outros, entre notícias falsas e jogos duplos, Ethan Hunt está numa corrida em contrarrelógio.
Com argumento e realização de Christopher McQuarrie, vencedor do Óscar® de Melhor Argumento Original com Os Suspeitos do Costume, a megaprodução Missão: Impossível - Fallout conta com Tom Cruise e a sua equipa IMF - Alec Baldwin, Simon Pegg e Ving Rhames - a quem se juntam Rebecca Ferguson e Michelle Monaghan. Henry Cavill (Batman v Super Homem), Angela Bassette (Assalto à Casa Branca) e Vanessa Kirby (The Crown) são as grandes novidades do elenco.
. .
Dia 12 de abril,
sexta-feira,
às 21h30,
em exclusivo no TVCine 1..

Braven

Com a chegada do Inverno, Joe Braven resolve ir fechar a sua cabana na montanha com o pai, nunca imaginando que o lugar tinha vindo a ser usado como esconderijo de um gang de traficantes. Quando lá chega, descobre um saco com cocaína e percebe que está rodeado por um grupo de homens armados. Ao mesmo tempo em que dá conta da dimensão do problema, descobre que Charlotte, a sua filha pequena, veio escondida na carrinha desde casa e também se encontra na cabana. Desesperado por salvar a sua vida e a dos seus entes queridos, Braven decide eliminar os criminosos, um a um…
Com Jason Momoa, Garret Dillahunt, Stephen Lang, Jill Wagner e Brendan Fletcher nos papéis principais, Braven é realizado pelo ator Lin Oeding, naquela que é a sua estreia em cinema.

17 de abril,
quarta-feira,
às 21h30
no TVCine 1

Filmes

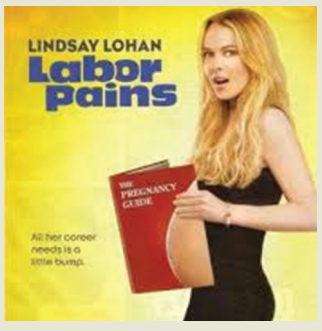
Maze Runner: A Cura Mortal

Thomas lidera o grupo de Clareirenses na sua última e mais perigosa missão. Para salvar os amigos, eles devem invadir a lendária Última Cidade, um labirinto controlado pelo CRUEL que poderá ser o mais mortal de todos...
Domingo - 12h40

O Mestre

No Japão, o jovem Wu torna-se num prodígio no ancestral jogo Go, acabando mesmo por lhe mudar regras e tradições. Mas, fazendo também muitos inimigos.
Domingo - 16h25

Grávida... Mas Pouco!



Uma jovem finge estar grávida para evitar ser despedida do emprego. Mas quando começa a receber tratamento especial por toda a gente que a rodeia, decide manter a mentira até ao final dos 9 meses da sua suposta gravidez.
Domingo - 14h05

Conan e Os Bárbaros

Esta é a história de Conan, uma criança que após ver a sua tribo dizimada por um impiedoso vilão, é levada para um campo de escravos. Ao chegar à idade adulta, decide usar a sua força para vingar a morte dos pais.
Domingo- 15h

Mais pequenos

CANAL PANDA

A história de Pedrito Coelho

A série conta a história de Pedrito Coelho que vive num lago no norte de Inglaterra. Ele é muito traquino e matreiro, capaz de ultrapassar todos os obstáculos, supera predadores e evita o perigo. Quando crescer o Pedrito quer ser como o seu pai, que é o seu grande modelo. Entretanto, vai vivendo muitas aventuras com os seus amigos, o primo Benjamim e a nova amiga Lily.
Amanhã - 07h30

Disney Channel

Elena de Avalor

Conheça a história de Elena de Avalor, uma jovem que, depois de salvar o seu reino das garras de uma cruel feiticeira, precisa de assumir a coroa e aprender a comandar o seu povo, enfrentando desafios e obstáculos com a ajuda de alguns amigos mágicos.
Hoje, 07h30 - 08h00

CN

Chovem Almôndegas

Numa cidade obcecada com sardinhas que não o surpreende, Flint Lockwood é um jovem a tentar mudar o mundo, invenção a invenção. A sorte dele é que a sua melhor amiga e aspirante a meteorologista Sam Sparks, está lá para o ajudar!
Hoje - 08h20

JimJam

Doodleboo T1

Com alguns traços do seu lápis, Doobleboo consegue sempre fazer um desenho divertido, que ganha vida assim que acaba de ser colorido.
Hoje,
09h22

Futebol

Barcelona - Manchester United

As equipas do Barcelona, de Espanha, e do Manchester United, da Iglaterra, jogam na terça-feira, em desafio a contar para a segunda mão dos Quartos de final da Liga dos Campões em futebol. No jogo da primeira mão o Barcelona venceu a equipa do Manchester por uma bola a zero. Uma partida a não perder. A partida terá lugar no Estádio Camp Nou, em Espanha, às 20h.
Hora:
20h00
Local:
Estádio Camp Nou

Séries

Barry

Barry, frustrado, perde uma aula de representação para honrar uma obrigação. Os detectives Moss e Loach tentam juntar as peças todas do puzzle para resolverem um assassinato. Gene pressiona Barry a arriscar mais.

Dia 13 Abr - 04h00 - TVSéries HD

Brooklyn Nine-Nine T6

Charles envolve Jake num caso, quando um terapeuta reporta o desaparecimento de um dos pacientes. Holt descobre que Rosa tem uma nova namorada que todos já conheceram. Amy acredita que recebeu, acidentalmente, uma encomenda destinada a Terry.

Domingo - 14 Abr - 16h40 - TVSéries HD

Música

Show intimista de Carlos Lamartine na Brasom

O músico Carlos Lamartine é a proposta para o show intimista da Brasom, de Ilídio Brás, a realizar-se na sexta-feira. O espaço, conhecido por ter duas das salas de ensaio mais solicitadas, com este concerto, regressa aos formatos da música ao vivo e homenagens de artistas que marcaram a música nacional. Lulas da Paixão é convidado e espera-se algumas surpresas. Lamartine é um compositor que marcou a época de ouro da canção revolucionária e na noite de sexta-feira fará uma incursão por temas do seu percurso artístico como "Pala ku nu abesa ó muxima",“Ó dipanda wondo tula kiá”, “Nvunda Ku Musseke”, “Ku Maiomba”, “Miquelina”, “Semba do Prenda” e “Kamuine”. Carlos Lamartine nasceu em Benguela a 29 de Março de 1943, mas foi no Marçal onde deu os primeiros passos musicais. Carlos Lamartine foi adido cultural angolano na República Federativa do Brasil e tem no prelo obras que retractam os vários períodos da música angolana.

Sexta-feira
Espaço Brason

Concerto Ritmos do Mundo na estreia de Etno N’gola

Acontece na próxima quinta-feira o concerto de estreia do grupo Etno N’gola. A formação tem como integrantes Clóvis Esteves (guitarra eléctrica e voz), Estevão Amadeu (baixo), Hugor Paixão (bateria e percussão) e Dennis Samaya (voz e guitarra). No concerto Ritmos do Mundo, os Etno N’gola terão como convidados Yasmane Santos (Percussão), Fenómenos do Semba (Dança), Xtilo Urbano (Dança) e Elisângela Rita (Spoken Word). Etno N’gola é um grupo de quatro jovens angolanos que apresentam variedades de estilos tradicionais (tchianda, massemba, semba, kilapanga, etc) e fusão de ritmos do mundo, com enfoque no jazz, com um repertório em diversas línguas, apresentam canções em kimbundo, tchokwe, inglês, francês e português. Fundado em Novembro de 2018, Etno N’gola estrear-se-á e apresentará músicas típicas e inspiradas da vida etnocultural de N’gola e do mundo, com o apoio principal da AllianceFrançaise de Luanda.

Quinta-feira
Elinga

Literatura

“À flor da pele” de Isabel Baptista

No dia 17 de Abril de 2019, Quarta- feira, será inaugurada no Camões-Centro Cultural Português a exposição de pintura “À For da Pele”, da artista plástica Isabel Baptista. A artista regressa com toda a sua sensibilidade e energia criadora para apresentar ao público este seu mais recente trabalho. “À Flor da Pele” representa um tempo de pausa e balanço de uma vida intensa de procura, de encontros e desencontros, como artista e como pessoa.

A exposição reúne um conjunto de telas de grandes dimensões, em acrílico e massa de acrílico sobre tela de linho, confirmando o seu traço identitário, marcado por uma explosão cromática que entrelaça e harmoniza uma gama variada de cores, onde predominam os quentes de fogo e força, mas também habitam verdes tranquilos e azuis profundos e infinitos. Isabel Baptista, uma figura carismática do mundo cultural de Luanda, consagrada pelo seu trabalho artístico, mas também pelo notável papel à frente da Galeria Cenários, é pioneira das Galerias de Arte no pós-independência em Angola.

Nesse tempo, esse espaço era um ponto central de agregação de centenas de artistas e escritores, uma referência e ponto obrigatório de encontro cultural em Luanda. Isabel Baptista nasceu em Luanda onde fez os seus estudos em pintura na antiga Escola Industrial, no final dos anos sessenta. Fez a sua primeira exposição individual em 1990 no Museu de História Natural de Luanda.

Quarta- feira,
Camões-Centro Cultural Português

Filmes *Exibição (Cinemax)*

MALDIÇÃO DA MULHER QUE CHORA

Estreia - 19 de Abril
Actores: Linda Cardellini, Raymond Cruz, Marisol Ramirez
Ano: 2019
Argumento: Mikki Daughtry, Tobias Iaconis
Duração: 93m
Género: Terror
Idade mínima: M/18
Realizador: Michael Chaves
Sinopse
Na Los Angeles da década de 1970, uma assistente social criando seus dois filhos sozinha depois de ser deixada viúva começa a ver semelhanças entre um caso que está investigando e a entidade sobrenatural La Llorona. A lenda conta que, em vida, La Llorona afogou seus filhos e depois se jogou no rio, se debulhando em lágrimas. Agora ela chora eternamente, capturando outras crianças para substituir os filhos.

Vingadores: Endgame

Estreia - 25 de Abril
Actores: Brie Larson, Evangeline Lilly, Scarlett Johansson, Chris Hemsworth, Chris Evans, Robert Downey Jr., Tom Holland, Chadwick Boseman
Ano: 2019
Argumento: Christopher Markus, Stephen McFeely
Duração:
Género: Aventura, Acção
Idade mínima: M/12
Realizador: Anthony Russo, Joe Russo
Sinopse
Depois do estalar de dedos de Thanos, que dizimou metade da população mundial e destruiu a equipa dos Vingadores, os que sobreviveram têm de tomar uma posição final em VINGADORES: ENDGAME, o grande desfecho dos 22 filmes da Marvel Studios

Pokémon: Detective Pikachu

Estreia - 10 de Maio

Actores: Ryan Reynolds, Suki Waterhouse, Kathryn Newton

Ano: 2019

Argumento:
Nicole Perlman

Duração: 104m

Género: Fantasia, Acção

Idade mínima: M/12

Realizador:
Rob Letterman

Sinopse
Num mundo onde as pessoas colecionam Pokémon para lutar, um garoto se depara com um inteligente Pikachu falante que procura ser um detective.